



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 22 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliaemdia.com.br

BASTAM 2 MINUTOS DIANTE DA TV PARA PERCEBER QUE O PLANETA ESTÁ DE PERNAS PRO AR.

E PARA ENTENDER ESSE CENÁRIO CONTURBADO ABUNDAM ARGUMENTOS.

MAS ZYGMUNT BAUMAN ESTÁ ENTRE AQUELES QUE SE DEDICARAM A PENSAR O NOSSO MUNDO E GEROU UMA OBRA CONSISTENTE.

NA SUA VISÃO, A NOSSA ERA REPRESENTA UM MOMENTO EM QUE O CIDADÃO SE METAMORFOSEIA EM INDIVÍDUO EM BUSCA DE AFIRMAÇÃO NO ESPAÇO SOCIAL.



Fontes: (Zygmunt Bauman, i.: revista Cult, edição especial, janeiro de 2014; Zygmunt Bauman, i.: 44 Cartas do Mundo Líquido).

PERNAS PRO AR Bastam 2 minutos diante da TV, uma rápida leitura dos jornais e revistas ou uma surfada nos sites de notícias e redes sociais, para perceber que o planeta está de pernas pro ar. Nas ruas das grandes cidades, jovens e adultos de diferentes culturas, países e etnias ocupam praças, ruas e avenidas gritando por direitos, clamando por mudanças, reivindicando melhores condições de vida e de trabalho. Todos querem um mundo melhor e por isso se amotina, se rebelam, tomam as ruas das cidades. Atônitos, os governos, respondem como sabem: repressão, violência e até guerra.

OBRA CONSISTENTE As razões de tanto tumulto são múltiplas. E para entender esse cenário conturbado abundam argumentos. Alguns consistentes, muitos duvidosos e uns poucos pertinentes. Zygmunt Bauman está entre aqueles que se dedicaram a pensar o mundo contemporâneo e suas contradições e gerou uma obra consistente expressa em mais de 30 livros publicados sobre o tema. Polonês de origem e sociólogo por formação, Bauman atualmente vive na Inglaterra e é professor emérito da Universidade de Leeds.

MODERNIDADE LÍQUIDA Seu amplo estudo sobre o mundo contemporâneo está sintetizado no conceito de modernidade líquida, um mundo que jamais conserva sua forma por muito tempo. Na sua visão, a nossa era representa um momento em que a sociabilidade humana experimenta um conjunto de transformações, entre elas, a metamorfose do cidadão em indivíduo em busca de afirmação no espaço social. Outra característica desta era é a transposição de estruturas de solidariedade coletiva para disputas e competição. Bauman afirma ainda que o enfraquecimento dos sistemas de proteção estatal gera um ambiente de incerteza. Entre os graves problemas do mundo contemporâneo, ele aponta o fim da perspectiva de planejamento em longo prazo e a separação entre poder e política.

QUEBRA DE CONFIANÇA Bauman lembra que o fim das utopias, que ocorreu com o término dos regimes do Leste Europeu, trouxe consigo a percepção de que o mundo não está funcionando adequadamente e rompeu a confiança no potencial humano. Para explicar esta quebra de confiança, ele criou duas metáforas que simbolizam a presença humana no mundo: o caçador, que representa a era pré-moderna, e o jardineiro, que representa o mundo evoluído.

CAÇADORES E JARDINEIROS O caçador, ele diz, simboliza a crença de que o mundo é um sistema divino em que cada criatura tem seu lugar e que os seres humanos são limitados para compreender a sabedoria de Deus. O jardineiro, por sua vez, entende que a ordem do mundo é uma construção diária que depende do esforço de cada um. O jardineiro, ele diz, "(...) sabe bem os tipos de plantas que devem ou não crescer e que tudo está sob seus cuidados (...) é do jardineiro que tendem a sair os mais fervorosos produtores de utopia".

ESTADO-NAÇÃO Para Bauman, um mundo melhor depende dos recursos e forças para fazê-lo. Ele diz que "(...) estas forças poderiam ser exercidas pelas autoridades do engenhoso sistema Estado-nação". Porém, lamentavelmente, as nações perderam sua força, e a explicação está nas palavras de Jacques Attali: "(...) as nações perderam influência sobre o curso das coisas e delegaram às forças da globalização todos os meios de orientação do mundo, do destino e da defesa contra todas as variedades de temor humano".

EGOÍSMO Infelizmente, relembra Bauman, as forças da globalização favorecem a caça e os caçadores. No século 21, voltamos à pré-modernidade, onde os caçadores defendem seus territórios de toda interferência humana. Neste contexto, a ideia de progresso se desloca da sua essência, que é a melhoria partilhada, para ocupar o espaço egoísta de sobrevivência do indivíduo. Aí, a lógica da economia está voltada para o consumo. Isso, diz Bauman, "(...) significa mudar o guarda-roupa, o mobiliário, o papel de parede, o olhar, os hábitos, em suma, você mesmo, quantas vezes puder".

APROPRIAÇÃO E DESCARTE O espírito deste comportamento se manifesta na ideia de se apropriar das coisas e depois se livrar delas. A economia se move na velocidade entre compra e venda e a indústria vive da agilidade entre os atos de apropriação dos produtos e sua rápida substituição por modelos mais novos, mais inovadores, mais ousados. O problema desta lógica de apropriação e descarte é que ela se transforma em compulsão, dependência e obsessão. Assim como o caçador está sempre na expectativa da próxima caça, o consumidor está sempre na esperança de viver a emoção da próxima aquisição.

COMPULSÃO Bauman diz que, ao contrário das utopias clássicas, "(...) a busca dos caçadores não oferece sentido à vida (...) ela apenas ajuda a perseguir o significado da vida longe do espírito da vida (...) uma busca que não oferece oportunidade de reflexão sobre a direção e o sentido da existência". Neste mundo líquido e volátil analisado por Bauman, "(...) não conseguimos tomar providências sensatas". Angustiadíssimos nos deixamos levar pela compulsão do consumo de coisas e padecemos do excesso de informação e nem sempre temos filtros para separar tanto lixo inútil.